



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
**NEWSLETTER**

NÚMERO 135  
JULHO | AGOSTO  
2012



# Tarefas Infinitas

Exposição no Museu Gulbenkian

4

### **Orquestra Geração, viva la vida**

Quatrocentas crianças e jovens que integram as Orquestras Geração na zona de Lisboa estarão no palco do Anfiteatro ao ar livre, a **11 de julho**, para mais um concerto com entrada livre.

Este ano, pela primeira vez, será apresentada a Orquestra de Sopros que promete repertório diversificado e até uma música dos Coldplay. No ensaio a que assistimos o entusiasmo e a adrenalina estiveram bem presentes.



© Mariana Lessa

9

### **O mundo em Londres**

Em mês de Olimpíadas, todos os que passarem no Victoria Park, East London, e em Ramillies Street, no Soho, poderão ver fotografias gigantes com o título *The World in London*. São 198 retratos de cidadãos estrangeiros (pertencentes aos países olímpicos) que escolheram a cidade para morar, confirmando a multiculturalidade da capital inglesa. A iniciativa apoiada pelo UK Branch fará parte do Festival Londres 2012, que será o culminar da Olimpíada Cultural – a maior celebração cultural na história dos movimentos olímpicos e paralímpicos.



Véronique Rolland, *Snezana Lukka-Biesek*, Russia  
Courtesy The Photographers' Gallery, London © Véronique Rolland

14

### **Conferência Internacional do IGC**

A **16 e 17 de julho**, o Instituto Gulbenkian de Ciência promove a conferência que encerra as comemorações do seu cinquentenário, num momento em que anunciará também como vai ser o IGC do futuro. O Nobel da Medicina, Sydney Brenner, que integra o Conselho Científico do Instituto, será um dos oradores, além dos investigadores que desenvolvem o seu trabalho no IGC. Entretanto, pelo quinto ano consecutivo, o IGC estará presente no Festival Optimus Alive, de **13 a 15 de julho**.

*A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.*

**NEWSLETTER** NÚMERO 135.JULHO.AGOSTO.2012 | ISSN 0873-5980

**Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação** Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
**COLABORAM NESTE NÚMERO** Ana Barata | Ana Godinho | André Cunha | Teresa Leitão | **DESIGN** José Teófilo Duarte  
| Eva Monteiro [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **FOTO DA CAPA** Cent mille milliards de poèmes / Raymond  
Queneau; [conception graphique de Massin]. [Paris]: Gallimard, 1961 | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TRAGEM**  
10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



# 22

## Tarefas Infinitas

A 20 de julho, data que assinala a morte de Calouste Gulbenkian, o Museu Gulbenkian e a Biblioteca de Arte apresentam *Tarefas Infinitas – Quando a arte e o livro se ilimitam*. Esta não é apenas uma exposição de livros, mas de obras de arte onde o livro tem uma presença determinante – pinturas, filmes, esculturas e instalações –, numa montagem que aproxima livros iluminados medievais e obras de arte contemporâneas, e põe livros ilustrados do século XVII ao lado de filmes ou livros conceptuais do século XX.



Sonia Delaunay (1885-1979); Arthur Rimbaud (1854-1891)  
*Les Illuminations*



# 24

## Jazz em Agosto

Nove concertos de 3 a 12 de agosto, no Anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian e também no Teatro do Bairro, com o lendário baterista de *free jazz*, Sunny Murray (na foto), a abrir o certame. Evan Parker, Matthew Shipp, Marilyn Crispell, são alguns dos nomes que vão apresentar-se neste Jazz em agosto, que terá ainda filmes e conferências a completar a programação.

# 20|27

## Orquestra Todos – o concerto e o disco

O primeiro aniversário da Orquestra Todos, estreada a 11 de setembro no Largo do Intendente, em Lisboa, será celebrado com o primeiro disco de originais do grupo. Chama-se Intendente, em homenagem à origem, e será apresentado num concerto no Anfiteatro ao ar livre, a 20 de julho, a partir das 22h e com entrada livre. Giacomo Scalisi, um dos fundadores da orquestra, relembra na crónica Um Outro Olhar como nasceu este “sonho lisboeta”.

## índice

### primeiro plano

4 **Orquestra Geração  
viva la vida**

### notícias

- 8 **Desmond Tutu na Fundação**
- 9 **Festival de ideias para jovens  
distinguido no Reino Unido**
- 10 **O mundo em Londres**
- 12 **Paz através da justiça social**
- 12 **Cooperação internacional no  
Cáucaso**
- 13 **Dia da criatividade**
- 14 **Conferência Internacional  
do IGC**
- 14 **Proteger a propriedade  
intelectual**
- 15 **IGC no festival Optimus Alive**
- 15 **Comunicação de ciência  
ganha prémio**

### 16 breves

### bolsheiros gulbenkian

18 **Joana Villaverde**

### um outro olhar

20 **Giacomo Scalisi**

### em maio

22 **Tarefas infinitas**

24 **Jazz em Agosto  
o outro lado do jazz**

26 **Próximo Futuro  
últimos espetáculos**

27 **Orquestra Todos  
o concerto e o primeiro disco**

### 28 novas edições

29 **catálogos de exposições  
na biblioteca de arte**

### uma obra

30 **The Works of Geoffrey Chaucer**





© Mária Iessa

primeiro plano...

# Orquestra Geração, *viva la vida*

*No dia 11 de julho, as Orquestras Geração reúnem-se no Anfiteatro ao ar livre para mais um concerto de verão, que vai trazer à Fundação cerca de 400 jovens músicos amadores. Fomos espreitar um dos ensaios de uma parte da Orquestra de Sopros, que é uma das novidades neste concerto em que serão interpretadas várias músicas, entre elas o tema Viva la Vida da banda pop-rock britânica Coldplay.*



**E**stamos em junho e o ano escolar está a terminar. É fim de tarde e, no pátio da Escola Miguel Torga, na Amadora, onde o projeto das Orquestras Geração começou há cinco anos, avistam-se apenas dois ou três jovens a conversar e a jogar displicentemente à bola. Dentro do edifício, os corredores estão praticamente vazios e, não fosse o som de um instrumento de sopro, que ouvimos ao longe, pensaríamos mesmo que já todos tinham ido para casa. Mas não. Ao virar da esquina, sentadas num banco, duas raparigas indicam-nos onde fica o bar dos alunos. É aí que vai começar dentro de poucos minutos o último ensaio do núcleo de sopros desta escola, com 14 elementos. Reunidos com os núcleos de sopros de outras dez escolas nos concelhos de Amadora, Loures, Sesimbra, Sintra, Oeiras, Lisboa e Vila Franca de Xira, formam um dos mais recentes agrupamentos da Orquestra Geração: a Orquestra de Sopros, que conta, no total, com 200 crianças e jovens do ensino básico e secundário.

Esta é apenas uma das 16 orquestras que hoje fazem parte do projeto das Orquestras Juvenis Geração, introduzido em Portugal pela primeira vez em 2007, através dos esforços conjuntos da Fundação Gulbenkian, da Escola de Música do Conservatório Nacional e da Câmara Municipal da

Amadora. O projeto conta atualmente com o apoio de muitas outras entidades, que contribuem para a aquisição de instrumentos, e envolve cerca de mil crianças e jovens, provenientes sobretudo de meios carenciados.

#### **O EL SISTEMA EM PORTUGAL**

O projeto das Orquestras Geração é centrado na ação e desenvolvimento social através da música, experimentando assim um método inovador em Portugal de combate ao insucesso escolar que oferece aos mais jovens formação musical gratuita. Inspira-se no Sistema Nacional de Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela, conhecido por “El Sistema”, criado em 1975, destinado à população infantojuvenil das zonas urbanas desfavorecidas de Caracas.

Há dois anos, um grupo de professores que trabalha no El Sistema veio da Venezuela para observar os resultados do projeto das Orquestras Geração em Portugal. Ficaram surpreendidos. João Azevedo, professor do Conservatório que dirige o ensaio de sopros na Escola Miguel Torga, explica-nos porquê: “Na Venezuela criam uma orquestra de cordas, que pode estar a trabalhar entre quatro e seis anos,





e só depois adicionam os sopros. Mas nós temos feito uma abordagem diferente e está a funcionar.” Na Escola da Damaia, por exemplo, neste ano letivo o projeto foi iniciado com cordas e sopros, em simultâneo. Nas outras escolas, no primeiro ano eram sempre as cordas e só no segundo ano se juntavam os sopros. “Há um trabalho que as cordas têm de realizar, que é mais difícil”, explica o professor. “Todos os instrumentos têm o seu grau de dificuldade, mas os sopros adaptam-se mais facilmente.” Uma abordagem diferente, mas que tem produzido resultados muito positivos.

### **ENSAIO DE ORQUESTRA**

Regressemos ao bar dos alunos da Escola Miguel Torga, onde os jovens que fazem parte da recente Orquestra de Sopros já estão instalados. O professor explica-nos que estes meninos já tocam juntos desde 2007 para a Orquestra Principal, que reúne sopros, cordas e percussão. Mas a Orquestra de Sopros foi criada apenas no início do ano letivo 2011-2012. Aqui encontramos flauta, oboé, clarinete, fagote e, nos metais, trompete, trompa, trombone e tuba, a

que se junta ainda a percussão. Os violinos, violas, violoncelos e contrabaixos estão ausentes. Quando perguntamos aos alunos o que significou esta passagem, a resposta é unânime e focada num único fator: o repertório. “Enquanto a Orquestra Principal toca *Aleluia* de Händel ou toca Strauss, um repertório mais clássico, portanto, na Orquestra de Sopros há mais flexibilidade”, complementa o professor. Não tardaríamos a ouvir uma melodia que reconhecemos das *playlists* radiofónicas – o tema *Viva la vida*, dos Coldplay, uma banda pop-rock que enche estádios e certamente mais familiar para estes jovens do que os compositores clássicos. O repertório que têm ensaiado inclui ainda *Can-Can* e temas da Disney, como a *Marcha do Rato Mickey*. O ensaio prossegue com uma dinâmica irregular. A fila dianteira mostra-se mais concentrada. É aqui que se senta Daria, o elemento mais novo do núcleo. “Começou com 12 anos e entretanto iniciou estudos mais a sério no Conservatório”, revela o professor com satisfação. Mas a Daria, pelos vistos, não é caso único: há um outro elemento que hoje está ausente do ensaio, por causa de uma audição no Conservatório.



O grupo só voltará a reunir-se em julho, altura em que começam os chamados “estágios de verão”. Até lá, juntar-se-ão apenas para mais uma audição “familiar” (ocorrem regularmente, no final de cada período) onde mostram aos pais o que aprenderam a tocar ao longo do ano. Há um trabalho individual que é desenvolvido semanalmente durante 30 minutos e depois há as apresentações em conjunto, como a que acontecerá na Fundação Gulbenkian, uma vez mais.

Entretanto, a segunda fila dispersa-se mais e o professor queixa-se – “os trompetes estão moles!” –, mas não desiste. E fala-nos do caso do Rodrigo, talvez o mais irrequieto do grupo, que começou por estudar oboé, mas ao fim de dois anos manifestava grande desmotivação. Fez então a transição para o trompete, que está a tocar há oito ou nove meses, e está satisfeito. Quando se passa de um instrumento de palheta para um instrumento vocal, há vários novos elementos a adquirir, mas o professor não tem dúvidas de que foi a opção certa. “É um caso raro, mas abriu-se esta exceção”, diz. E como qualquer exceção que se preze, só veio confirmar a regra: o projeto funciona e o Rodrigo continua a tocar. ■

## Plácido Domingo dirigiu a Orquestra Geração

No dia 1 de junho, a Orquestra Geração foi dirigida por Plácido Domingo, presidente da organização Europa Nostra, por ocasião da entrega dos prémios União Europeia, Património – Europa Nostra, nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. A Orquestra Geração tocou o hino português e o europeu, na presença do chefe de Estado, Cavaco Silva. A cerimónia, a que assistiram cerca de mil convidados, contou ainda com a participação do guitarrista António Chainho e da fadista Kátia Guerreiro. ■



# Desmond Tutu na Fundação Gulbenkian

Um dos rostos mais conhecidos na luta pela Paz e pelos direitos humanos, Desmond Tutu, participou na reunião do Programa de Embaixadores Globais eHealth e numa conferência com Jorge Sampaio, Alto Representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações. Durante a manhã de dia 25 de junho, foram abordadas as linhas de ação do Programa que pretende promover o potencial das tecnologias de informação e comunicação no fortalecimento dos sistemas de saúde, em particular nos países em desenvolvimento, criando uma plataforma global de saúde. Na reunião, além do ministro da Saúde e do comissário europeu da Saúde, estiveram também Jorge Sampaio e o presidente da Fundação, Artur Santos Silva (na foto).



O Programa, dirigido pelo médico britânico Ricky Richardson, tem um Conselho de Embaixadores constituído por Lord Crisp, Emílio Rui Vilar, Desmond Tutu, Peter Gabriel e Strive Masiyiwa (na foto).



## DIÁLOGOS SOBRE A PAZ E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

No palco do auditório 2, Desmond Tutu deixou uma mensagem de esperança dizendo que acredita que este “mundo pode ser diferente”, se os jovens continuarem a sonhar e os mais velhos não se esquecerem que um dia também foram idealistas. Recorrendo a vários episódios da Bíblia, o Nobel da Paz sul-africano falou do “cuidado pelo outro”, realçando que uma das “lições de Deus” é que “não podemos ser humanos em isolamento”. A seu lado, Jorge Sampaio recordou o último encontro que tinham tido na Faixa de Gaza “onde não é fácil entrar, e de onde é difícil sair” para lembrar que desenvolvimento sustentável e justiça social “são duas coisas básicas” e fundamentais. Sampaio acrescentou também que, apesar de dialogarmos todos os dias, “o diálogo que interessa é sobre as diferenças e sobre o que temos em comum, aquele que obriga a negociar o tempo todo.” Antes da conferência, Desmond Tutu encontrou-se com os alunos da Academia Ubuntu, um projeto de liderança para os jovens descendentes de imigrantes africanos, fundada na crença Ubuntu de que “eu sou porque tu és. Só posso ser uma Pessoa com as outras pessoas”. Aos jovens, o Nobel da Paz recomendou que se lembrem sempre que cada um é VSP (Very Special Person), pessoas especiais que podem atuar enquanto tal e contribuir para melhorar o mundo em que vivem. A Academia Ubuntu é um projeto do Instituto Padre António Vieira, apoiado pela Fundação Gulbenkian. ■







# Festival de ideias para jovens distinguido no Reino Unido

Um festival de ideias de jovens e para jovens, inspirado na Agência de Redes para a Juventude no Rio de Janeiro, é o vencedor do prémio para artes performativas do Reino Unido, no valor total de **175 mil libras**, concedido através do Uk Branch, a delegação da Fundação Gulbenkian em Londres. O prémio tem como objetivo estimular e envolver profissionais de referência com comunidades locais, sobretudo de meios desfavorecidos.

O projeto vencedor, apresentado pela **Battersea Arts Centre**, de Londres, em colaboração com o espaço **Contact** (Manchester) e o **People's Palace Projects** (Londres), constitui um estímulo à criatividade dos jovens e à sua capacidade para encontrar novas respostas num mundo em profunda mudança. O desafio que um Festival de ideias para jovens representa, enquanto catalisador de respostas positivas para o futuro, levou o júri a distinguir este projeto entre os seis selecionados de um conjunto de 46 propostas apresentadas a concurso por companhias de teatro e outros agentes britânicos.

O Battersea Arts Centre reclama para si a missão de “inventar o futuro do teatro” promovendo, entre outras iniciativas, residências artísticas e o contato dos artistas com o público, numa celebração “do risco e da aventura”. O mesmo espírito

preside ao **Contact**, situado em Manchester, um espaço de cariz social, dirigido também aos jovens e que promove a criação de oportunidades de mudanças de vida, apostando em simultâneo em formar líderes criativos, artistas e públicos para o século XXI. Na mesma linha, a **People's Palace Projects** desenvolve projetos que visam a integração social através da arte, envolvendo a comunidade local, bem como outras comunidades no mundo.

O trabalho de produção deste projeto vai arrancar com um apoio inicial de 75 mil libras, sendo os 100 mil atribuídos até 2014.

As restantes propostas que integravam a *shortlist* incluíam a recriação da lenda de Joana d'Arc para uma audiência do século XXI, através de uma série de performances no centro de Glasgow; uma peça de teatro de proporções épicas protagonizada por membros das gerações mais velhas de diferentes comunidades; um filme musical a partir de registos ao vivo de trabalhadores da noite do centro de Manchester, recolhidos ao longo de 18 meses; um projeto do coreógrafo Wayne McGregor que envolve a comunidade que habita a zona que circunda o Parque Olímpico; e uma companhia de teatro que cruza o jogo com o teatro ao vivo, retirando um efeito dramático desta combinação. ■

# O Mundo em Londres

“Quando fiz onze anos, mudámo-nos para Londres por causa do trabalho do meu pai. Andei na escola e na universidade aqui. A minha vida é aqui – mas ainda me considero coreano.” Esta é a história de Sei Moon, um agente de modelos de 26 anos natural da Coreia do Sul, uma das 204 nações que competirão nos jogos olímpicos e paralímpicos este verão em Londres. É também um dos vários figurantes de um novo projeto – iniciado pela Photographers’ Gallery e apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Arts Council England – que aproveita o contexto dos jogos para explorar, através da fotografia, a diversidade cultural de Londres e as múltiplas razões que levam tantas pessoas a imigrarem para esta cidade.

O projeto reúne uma coleção de 198 retratos de londrinos, cada um originário de um dos 204 países que participarão nos jogos olímpicos e paralímpicos, faltando só os naturais da Samoa Americana, dos Estados Federados da Micronésia, do Guam, das ilhas Marshall, do Nauru e do Palau, que ainda estão por identificar. Cada retrato é obra de um fotógrafo diferente e o projeto conta com vários nomes proeminentes a nível nacional e internacional, bem como com a contribuição de novos fotógrafos. Os retratos estarão expostos – em formato de poster de grande dimensão – a partir de **27 de julho** no Victoria Park, East London, e na Ramillies Street, no Soho. A iniciativa fará parte do Festival Londres 2012, que será o culminar da Olimpíada Cultural – a maior celebração cultural na história dos movimentos olímpicos e paralímpicos.

## UM PAÍS, UM FOTÓGRAFO, UM HABITANTE DE LONDRES

A ideia de retratar 204 londrinos de 204 nações, empregando 204 fotógrafos, surgiu do interesse da galeria independente Photographers’ Gallery em explorar a diversidade cultural de Londres e, ao mesmo tempo, valorizar a fotografia como um dos meios artísticos mais acessíveis e democráticos dos



Maria Kapajeva, *Maria Rosa Picart*, Andorra  
Courtesy The Photographers’ Gallery, London © Maria Kapajeva



Suki Dhanda, *Sei Moon*, South Korea  
Courtesy The Photographers’ Gallery, London © Suki Dhanda

nossos tempos. O projeto, construído ao longo dos últimos três anos, constituiu uma oportunidade única para ilustrar a diversidade de abordagens artísticas à fotografia e ao retrato. Para a delegação da Fundação Gulbenkian em Londres, o projeto respondia a uma ambição dupla de apoiar e estimular projetos artísticos de alta qualidade e de promover uma maior compreensão intercultural. A iniciativa de retratar uma pessoa de cada nação demonstra como Londres





Dennis Morris, Judith Craig Morency-Nalus & Afrykah-Amaya Morency-Nalus, Haiti

permite que pessoas de todo o mundo se estabeleçam e criem raízes, criando uma cidade multicultural.

### **UM LUGAR PARA VIVER**

Além da procura de um lugar livre para viver, imigrar para Londres faz também parte de uma certa imagem que se criou à volta da cidade como verdadeira “capital do mundo”. Esta realidade está refletida de forma inovadora nesta coleção de retratos que mostra um conjunto de indivíduos, longe dos estereótipos ou clichés de nações, procurando a sua identidade pessoal dentro da cidade, e cada um com uma história íntima para partilhar, realçando a maneira como Londres é uma cidade em que todas as pessoas podem ser quem quiserem ser. Ficamos deste modo a conhecer a história particular de Sei Moon (retratado por Suki Dhanda), ou de Maria Rosa Picart (retratada por Maria Kapajeva), reformada com 62 anos e nacional da Andorra, que viajou inicialmente para Londres para praticar o seu inglês e acabou por passar a maior parte da vida na cidade, tendo-se apaixonado por um inglês com quem é casada há 40 anos. De forma ainda diferente, Judith Craig Morency-Nalus (retratada, com a sua filha pequena, por Dennis Morris), assistente social com 31 anos e nacional do Haiti, viajou para Londres por causa das histórias que a sua avó adotiva, escocesa, lhe contava sobre a Inglaterra e acabou por tornar Londres a sua casa. Ao refletir estas histórias, cada retrato traz algo de fresco e surpreendente e oferece

também um olhar transversal sobre a cidade, trazendo imagens de todas as idades, todos os sexos e todos os estratos socioeconómicos.

### **AS EXPOSIÇÕES E OUTRAS INICIATIVAS**

As exposições são de entrada livre e estarão no Victoria Park até **12 de agosto** e na Ramillies Street até **outubro**. As imagens e as histórias serão também exibidas no *site* do projeto ([www.worldinlondon.org.uk](http://www.worldinlondon.org.uk)) que será lançado a 27 de julho. Uma versão da exposição estará também no edifício da Fundação Calouste Gulbenkian em Londres e servirá de inspiração para uma série de debates e colóquios sobre a migração e as identidades culturais que decorrerá no outono.

Para além da coleção de retratos, a Photographers' Gallery promoveu uma iniciativa educativa no âmbito do projeto, a qual levou estudantes de 12 *free schools* em Londres a identificarem potenciais pessoas para retratarem nas suas próprias comunidades e receberem formação em fotografia para criar as imagens. De momento, estão a ser desenvolvidos recursos adicionais que permitam que este modelo seja replicado noutras escolas. O projeto integrará também uma nova iniciativa intitulada *The Space*, que é um novo serviço gratuito de artes digitais, desenvolvido pela BBC e pelo Arts Council England e que procura estimular a experimentação e inovação nas artes e no relacionamento com os públicos. ■

# Paz através da justiça social

O Centro Europeu de Fundações (EFC) reuniu mais de 500 representantes de fundações europeias e norte-americanas, bem como de algumas fundações de outros continentes, e ainda representantes de ONG, associações nacionais de fundações, empresas (mecenato empresarial), universidades e instituições multilaterais, de 6 a 8 de junho, em Belfast.

O tema central do encontro foi “A paz através da justiça social. Que papel para as fundações?” e as cerca de 20 sessões de trabalho/conferências organizaram-se em torno de três grandes áreas de trabalho, como a capacitação, as questões que se colocam atualmente às fundações e a paz através da justiça social.

Na Assembleia Geral anual foi aprovado o alargamento e nova composição do Management Committee, de cinco

para sete membros, e a nova composição do Governing Council que integra a Fundação Calouste Gulbenkian, já com o seu novo presidente, Artur Santos Silva. O antigo presidente e administrador não executivo da Fundação, Emílio Rui Vilar, assumiu o cargo de presidente do Nomination Committee. A administradora da Fundação Gulbenkian Isabel Mota integrou também a delegação presente nesta 23.ª Conferência do EFC, marcada pelo forte envolvimento dos parceiros (*host committee*) e das problemáticas locais no programa da conferência, em particular o conflito católicos/protestantes da Irlanda do Norte. Depois de viver mergulhada num conflito violento que durou 30 anos, Belfast conseguiu resolver as suas diferenças e mostrou alguns exemplos de como as organizações fora do Estado conseguiram chegar à paz através da justiça social. ■

## Cooperação internacional no Cáucaso

Aproximar os povos da Arménia e da Turquia, bem como estimular a juventude arménia para uma participação ativa no desenvolvimento do seu país, são as grandes linhas de orientação de três projetos apoiados pela Fundação Gulbenkian, inseridos numa iniciativa internacional de criação de confiança nos países do Sul do Cáucaso, que historicamente foram palco de lutas políticas, religiosas e militares.

O Serviço das Comunidades Arménias da Fundação apoiará estes projetos, que receberam a designação de “Neighbors about each other”, “Youth Participation in Local Democracy” e “Look, See, Think”. Os três estão inseridos numa iniciativa mais vasta, conhecida como The Black Sea Trust for Regional Cooperation, promovida pela norte-americana German Marshall Fund em conjunto com outras organizações internacionais, nomeadamente Robert Bosch Stiftung, USaid e The Charles Stewart Mott Foundation.

### CONTRIBUIR PARA O ENTENDIMENTO

“Neighbors about each other” quer promover a melhoria das relações entre a Arménia e a Turquia e proporcionar meios para o entendimento e o conhecimento mútuos entre as duas sociedades, através da tradução contínua e sistemática de uma seleção de artigos publicados pela imprensa dos dois países. Os artigos serão traduzidos para arménio, turco e inglês e distribuídos entre as redações dos

jornais arménios e turcos para uma eventual reedição da versão traduzida. Estas traduções serão também divulgadas através de um *website* trilingue (em arménio, turco e inglês) que será criado especificamente para o efeito.

“Youth Participation in Local Democracy: Shifting the Engagement from Theory into Practice” prevê a organização de uma conferência de três dias, reunindo cerca de 40 jovens ativistas, diplomatas e membros dos parlamentos dos países do Sul de Cáucaso, da União Europeia, da Rússia e da Bielorrússia. A conferência será um fórum aberto ao diálogo e à cooperação sustentável entre a juventude e o Estado, facilitando a discussão aberta e a troca de opiniões entre jovens ativistas e autoridades sobre questões relacionadas com democracia, oportunidades para o desenvolvimento democrático na região e formas de envolvimento ativo da juventude na sua concretização.

“Look, See, Think” utiliza a fotografia como um meio para familiarizar as sociedades arménias e turca com a cultura, tradições, hábitos e a vida diária das duas comunidades. As fotografias vão retratar o quotidiano das pessoas comuns e dos vários grupos sociais que vivem dos dois lados da fronteira. O projeto envolve a deslocação de dois fotógrafos profissionais da Arménia e da Turquia para cada um destes países com o objetivo de retratarem a vida dos diversos grupos sociais das comunidades locais. Na fase final do projeto, serão realizadas conferências de imprensa e exposições do trabalho fotográfico nos dois países. ■





# Dia da Criatividade

O Dia da Criatividade encheu os espaços da Fundação Gulbenkian com mais de 500 crianças, entre os seis e os 12 anos, acompanhadas por adultos que assistiram à entrega dos troféus do concurso O Pequeno Grande ©, um projeto organizado em parceria pela Fundação Calouste Gulbenkian (Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Serviço de Educação e Bolsas) e a Agecop – Associação para a Gestão da Cópia Privada. O concurso implicava construir uma narrativa, ilustrá-la e reunir texto e imagens num livro de autor, formando um todo coerente, tudo feito dentro da sala de aula, numa colaboração entre alunos e professores.

Este programa foi pensado para ajudar a interiorizar as ideias de autor, cópia, criatividade e originalidade, conceitos-chave do concurso, que os mais jovens compreendem melhor se lhes for dada a oportunidade de os sentir na pele. Será que um autor também copia? Quando é que aquilo que me inspira deixa de ser cópia para ser meu? Podemos ser criativos quando roubamos ideias de vários sítios? Será que aquilo que penso e realizo é original só porque é meu? Estas e outras questões serviram de base para a construção de todas as atividades constantes do Dia da Criatividade, a 5 de junho.

## Os Pequenos Autores

Para os organizadores, o resultado excedeu todas as expectativas. Todos observaram as crianças a gritar “isto é meu, isto é meu”, cada vez que reconheciam as imagens projetadas em *Remoinho*, um filme-concerto sobre um menino que aprende a ser homem com os medos e as tristezas que fazem parte da vida. Ou a indignação quando não era respeitado o nome original da heroína nas peripécias de Manela, uma história encenada intitulada *A Grande Corrida*. Os risos e o espanto também foram uma constante em *Terá Sido*, um conto multimédia sobre as aventuras



de Maurício enquanto o pai andava à pesca. Os autores da história ficaram tão entusiasmados com esta versão que a querem levar a Fermentelos para ser vista por toda a escola, afirmando que este tinha sido o melhor dia da sua vida!

Ao longo do dia, a oficina *Mural de Histórias* – uma parede-instalação colocada no Anfiteatro ao ar livre – fazia sair das gavetas novas histórias que provocaram grande agitação. Como seria de esperar, o rodópio foi constante durante todo o dia à volta da exposição dos 17 livros vencedores. A curiosidade de ver os trabalhos uns dos outros teve momentos de alguma exuberância e não foi fácil proteger a integridade física dos livros com um manuseamento tão intenso. No final do dia, a celebração chegou ao clímax com a cerimónia de entrega dos troféus no Auditório 2, com transmissão em direto para o Auditório 3 e para o ecrã gigante colocado no átrio para que todos pudessem assistir. A cerimónia teve momentos solenes nas intervenções dos organizadores e dos elementos do júri e foi sempre pontuada por muitas palmas e exclamações de contentamento, soando em estereofonia a cada chamada da obra vencedora, ali representada por uma dupla de professor e aluno. ■

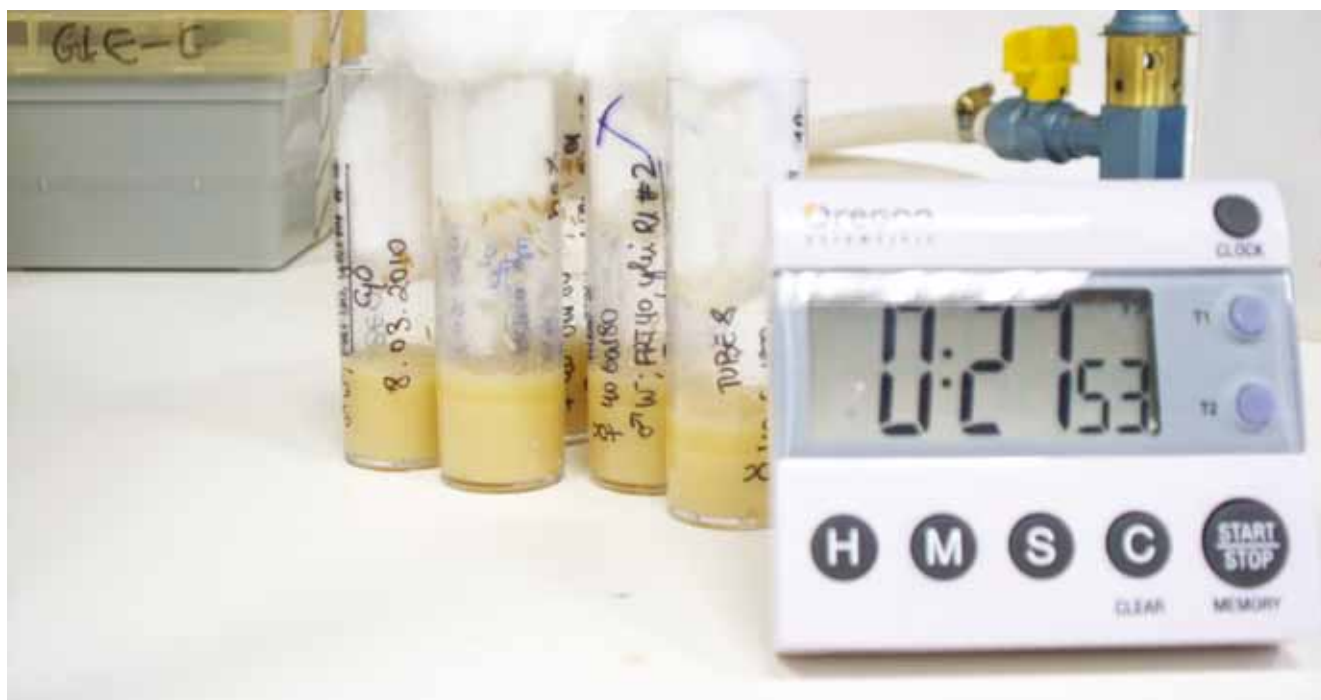
# Conferência Internacional do IGC

**N**os dias 16 e 17 de julho, no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian, realiza-se uma conferência científica internacional que marca o encerramento das comemorações do cinquentenário do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Além de breves seminários por cientistas do IGC, antigos e atuais, será feita a apresentação dos planos futuros para

o IGC, bem como do novo presidente do Conselho Científico e do novo diretor. Esta cerimónia contará com a presença do ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, da secretária de Estado para a Ciência, Leonor Parreira, do presidente da Fundação, Artur Santos Silva, e do administrador não executivo Emílio Rui Vilar.

A conferência é aberta ao público e de entrada livre. ■



## Proteger a propriedade intelectual

**A** Fundação Calouste Gulbenkian assinou um memorando de entendimento com a farmacêutica multinacional Merck-KGaA para a prospeção, identificação, proteção e comercialização da propriedade intelectual gerada no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC). O IGC torna-se, deste modo, parceiro privilegiado da Merck no desenvolvimento de patentes que permitam a transformação de novos conhecimentos e tecnologias em inovação no tecido produtivo, contribuindo para o crescimento económico e o progresso social.

Ao longo da última década, o IGC tem produzido um volume de propriedade intelectual (PI) que justifica o registo de um número elevado de patentes e seus licenciamentos. O acordo com a Merck permitirá ao IGC ter acesso à extensa

experiência da multinacional na criação e rentabilização de portfólios de patentes. Uma vez identificadas as patentes com maior potencial de comercialização geradas no IGC, a Merck suportará o seu licenciamento e posterior comercialização, permitindo um retorno financeiro para o Instituto. António Coutinho, diretor do IGC, está confiante em que a formalização deste acordo representa o primeiro passo na colaboração, entre duas instituições de sólida reputação a nível mundial, que ambas pretendem alargar no futuro.

Numa segunda fase, está ainda previsto o financiamento de atividades de investigação a decorrer no IGC pela Merck-KGaA, mediante o acordo de ambas as partes e assegurando-se a total independência intelectual dos investigadores. ■





## IGC no festival Optimus Alive

Pelo quinto ano consecutivo, o IGC marcará presença no festival de música que tem lugar no passeio marítimo de Algés, em Oeiras. Durante os três dias do festival, entre 13 e 15 de julho, no espaço do IGC vão decorrer diversas atividades que incluem o já conhecido *speed-dating* com cientistas, uma exposição de fotografias, *graffiti* e *rap* pela Associação Diálogo em Acção, inspirados em temáticas da ciência. A empresa Everything Is New, promotora deste festival, para além de possibilitar ao IGC o desenvolvimento de atividades que permitem uma maior aproximação da ciência à sociedade, financia também duas bolsas de investigação científica por ano, as quais dão oportunidade a jovens recém-licenciados de iniciarem as suas carreiras científicas. ■

## Comunicação de ciência ganha prémio

O portal para professores Casa das Ciências distinguiu a equipa de comunicação do IGC com o Prémio Especial do Júri (criado especificamente para os Prémios 2012) pela animação *Eu e o meu corpo*.

O filme explora o conceito de células e de diferentes metodologias usadas por cientistas, incluindo a utilização de animais em investigação científica. Descreve alguns dos 200 diferentes tipos de células e a sua função no corpo



humano, e de que forma a diversidade celular é essencial aos órgãos e às suas diferentes funções.

Destina-se principalmente aos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, mas tem atraído a atenção de todas as idades.

Em 2011, *Eu e o meu corpo* ganhou também o Primeiro Prémio na categoria de Material Didático do concurso internacional Ciencia en Acción (Espanha). ■



## Graffiti de apoio à seleção

Um grupo de ex-reclusos realizou uma maratona de *graffiti* de apoio à seleção nacional de futebol num edifício devoluto em Óbidos, durante o estágio da equipa naquela região. A ação, que recebeu a visita do selecionador nacional Paulo Bento e de alguns dirigentes da federação, foi promovida pelo **Oh!Arte – Sustentabilidade Urbana**, um projeto destinado a prevenir a reincidência e que aposta na reinserção social e profissional através da arte. Para tal, mobiliza ex-reclusos que se dedicam a remover *graffiti* de fachadas e equipamentos urbanos, promovendo também a criação artística de novos *graffiti* em iniciativas de valorização de espaços públicos e privados. **Oh!Arte** é um dos 16 projetos criados no âmbito da Academia Ubuntu, uma iniciativa do Instituto Padre António Vieira que conta com o apoio da Fundação Gulbenkian. A finalidade é formar jovens descendentes de imigrantes para que possam concretizar os seus próprios projetos de inovação e empreendedorismo social. ■

## Artistas portugueses no estrangeiro

**T**ânia Carvalho, uma das mais destacadas coreógrafas nacionais, apresentou a sua peça *Icosahedron* em França, no Festival Uzès Dansede 2012, com um apoio do Programa Gulbenkian para as Artes Performativas (PGAP). O apoio foi concedido à associação de promoção cultural Bomba Suicida, no seio da qual a coreógrafa desenvolve o seu trabalho e que se tem revelado uma das estruturas centrais da cena artística portuguesa na área da dança e da performance. Estreada no ano passado com forte aplauso da crítica, *Icosahedron* marcou presença nos Rencontres choréographiques internationales de Seine-Saint-Denis, a mais importante plataforma de dança francesa, no Tanz im August Festival, em Berlim, e na Tanzquartier Wien, em Viena.

O PGAP apoiou ainda a presença de artistas portugueses em Itália, através do Palco Ovest – arti sceniche contemporanee portoghesi in Italia, uma estrutura dirigida por Filipe Viegas que tem vindo a estabelecer uma rede de parcerias. O Palco Ovest permitiu este ano a participação de Miguel Bonneville no Danae Festival de Milão e de Tânia Carvalho, Luís Guerra de Laocoi e Miguel Loureiro na programação do Short Theatre de Roma, a ter lugar em setembro de 2012.

A produtora Filmes do Tejo beneficiou também de um subsídio para a promoção de três curtas-metragens do cineasta João Salaviza, junto de produtores e distribuidores em Paris e São Paulo, em julho e agosto deste ano: *Arena* (2009), *Cerro Negro* (2011), encomenda do programa Gulbenkian Próximo Futuro, e *Rafa* (2012). ■

## As mais-valias da economia social em debate

**N**o dia **6 de julho** terá lugar no Auditório 2 a conferência que encerra a primeira pós-graduação em Social Business, realizada pela Escola de Gestão & Negócios da Universidade Autónoma de Lisboa, em parceria com as fundações Gulbenkian e Montepio, e ainda com a Accenture Portugal e a União das Misericórdias Portuguesas.

Ao longo do dia, serão apresentados vários casos portugueses e discutidos os desafios que se colocam à emergência de um quarto setor na economia – *for benefit* –, centrado em organizações que satisfaçam as necessidades humanas, que estejam orientadas para a valorização da maximização do lucro, aplicando-o em reinvestimento e como meio necessário ao desenvolvimento das comunidades. A necessidade de fortalecer uma dinâmica de economia convergente, no âmbito da qual é fundamental o papel a desempenhar pelas empresas, mas também pelas instituições do até aqui denominado terceiro setor, será um dos temas em discussão.

A conferência é de entrada livre, com inscrição através do telefone 213177607 ou de [egnecios@universidade-autonoma.pt](mailto:egnecios@universidade-autonoma.pt). ■





## Doação de obras de Hein Semke ao CAM

Um significativo conjunto de obras de arte da autoria de Hein Semke (1899-1995) foi recentemente doado ao CAM pela viúva do artista, Teresa Balté.

São mais de mil peças – entre escultura, xilogravura, pintura, monotipia, colagem e desenho –, que se juntam às 18 obras com que o artista estava representado na coleção do CAM.

Nascido em Hamburgo, Hein Semke viveu em Portugal desde 1932 até ao ano da sua morte, em 1995, desenvolvendo por cá um extenso e notável trabalho sob uma matriz expressionista, que havia sido determinante nos anos da sua formação na Alemanha (1930-32).

Um assinalável conjunto de 34 livros de artista da autoria de Semke, realizados entre 1958 e 1986, tinha já sido depositado na Biblioteca de Arte da Fundação, em julho de 2011, também por vontade da viúva do artista.

O CAM programou para o segundo semestre de 2015 a realização de uma exposição dedicada à obra de Hein Semke a partir do espólio que integra agora a sua coleção. ■

## Projetos de Cooperação para o Desenvolvimento

Segurança alimentar e agricultura, educação, formação profissional, saúde e nutrição, são algumas das áreas escolhidas por sete organizações não governamentais para o desenvolvimento (ONGD) para intervenção em países como a Guiné-Bissau, Moçambique, as Honduras ou a Guatemala. Os projetos de cada uma das sete ONGD foram aprovados no âmbito do Mecanismo de Apoio à Elaboração de Projetos de Cooperação para o Desenvolvimento criado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Destinado a apoiar financeiramente as ONGD portuguesas na elaboração de candidaturas a financiamentos internacionais, o Mecanismo já recebeu 25 candidaturas desde o início, em janeiro do ano passado. As candidaturas são avaliadas por peritos independentes, portugueses e com experiência internacional, que efetuam comentários e sugestões de forma a melhorar o projeto final de candidatura ao financiamento internacional. Além da Fundação Gulbenkian, a parceria que possibilitou a criação deste projeto-piloto inclui as fundações Luso-Americana para o Desenvolvimento, EDP e Portugal-África, contando ainda com o apoio do IPAD. ■

## Segurança alimentar nos PALOP

A pensar na redução da pobreza e da fome, um dos Objetivos do Milénio até 2015, o Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento lançou o concurso de apoio a projetos de cooperação para o desenvolvimento, no domínio da segurança alimentar, nutrição e saúde, nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP).

Até **31 de agosto**, são aceites todos os projetos destinados a melhorar a segurança alimentar ao nível comunitário, quer através da intervenção direta na agricultura de subsistência ou na minimização do impacto dos desastres naturais, quer na criação de condições de proteção e conservação das reservas alimentares. Candidaturas e mais informações em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt). ■

## Estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP

Durante três meses, 21 profissionais de saúde dos países africanos de língua oficial portuguesa estarão em Portugal para realizar um estágio de curta duração nos hospitais portugueses. Criados no ano passado pelo Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento, os estágios de curta duração destinam-se a apoiar a melhoria das capacidades destes profissionais, mas também a ajudar na capacitação das instituições de onde vêm.

Este ano, 14 médicos, uma psicóloga, uma farmacêutica, quatro enfermeiros e uma técnica de saúde, provenientes de Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, estarão de norte a sul do país, em contacto com os profissionais de saúde portugueses. ■



Joana Villaverde\* | 41 anos | Artes Plásticas

## A estadia em Nova Iorque mudou a minha maneira de olhar o tempo

**DE QUE MODO A RESIDÊNCIA QUE REALIZOU EM NOVA IORQUE FOI IMPORTANTE PARA A SUA CARREIRA?**

Nunca pensei o meu trabalho em termos de carreira, pensei-o em termos de coerência. É o que tenho para dar, o que sei e o que tenho que fazer. A carreira existe colada a isso, nunca dissociada. A minha estadia por cinco meses na residência artística Location One deixou marcas, sobretudo no trabalho presente e na maneira como me entrego a ele. Fez-me crescer e não foi pouco.

**O TRABALHO QUE LÁ DESENVOLVEU SUBVERTIA A ESCALA, REMETENDO PARA UM ESPAÇO QUE SUFOCAVA. PODE FALAR UM POUCO DISSO?**

Nova Iorque é, como se sabe, uma cidade grande em todas as suas dimensões, incluindo a artística e humana. Sente-se uma liberdade no estar e no ser, nos trabalhos que se veem, na arquitetura, na oferta cultural. A minha exposição no final da residência chamava-se *You took from me all the air so I can breathe* (título roubado a uma canção brasileira:

“Você me tirou todo o ar para que eu pudesse respirar”). Talvez quisesse dizer que a cidade, a experiência, me estava a oferecer ar para pensar, criar e ser feliz! O meu ateliê era um espaço pequeno, o oposto da cidade. Trabalhei esse erro de escala, viver numa enorme cidade, trabalhar num espaço curto. Trabalhei uma tela de três metros de largura (toda a largura do meu atelier) por dois metros de altura (pouco menos que o pé direito). Retratei aí uma cara enorme que vista de onde eu a via podia ser uma pintura abstrata, podia ser uma paisagem. Brinquei com isso e coleí uma silhueta de um homem de costas, como se contemplasse a paisagem, um ser pequeno sufocado por uma imensa mancha: uma cara, a cidade?

#### **ESSA PREOCUPAÇÃO MANTÉM-SE OU IMPÕEM-SE OUTRAS LINHAS ATUALMENTE NO SEU TRABALHO?**

De todo, nada. Essa preocupação desvaneceu-se (espero não voltar atrás). A minha estadia em Nova Iorque mudou a minha maneira de trabalhar. Sobretudo a minha maneira de olhar o tempo. Não há muito tempo, o tempo foge. Aprendi a não ter medo. A não ter medo de gastar material, não ter medo de usar materiais errados, não ter medo de rasgar, colar e voltar a rasgar. Não ter medo de errar.

Já há muito tempo que procuro fugir ao tema recorrente do meu trabalho, quase sempre a minha própria identidade. Sair do meu umbigo era já uma vontade. A minha estadia em Nova Iorque veio acelerar esta decisão.

#### **EM QUE PROJETOS ESTÁ ATUALMENTE ENVOLVIDA?**

Neste momento estou a trabalhar num projeto ambicioso, que creio irá durar muito tempo. É sobre a resistência. Ser artista hoje e resistir.

Nunca me atrevi a trabalhar questões políticas e não é isso que quero fazer. Porém, não posso deixar de pensar e viver com o meu tempo. Estamos a atravessar um momento de viragem, um momento histórico que não sabemos onde e como vai acabar.

O mundo parece-me de pernas para o ar. No início de 2012 fiz uma exposição a que dei o nome *De pernas para o ar/ Upside Down*. Foi um começo. O mundo não está a ser construído para as pessoas. Esquece-se o que são verdadeiramente as pessoas, seres que sonham, que acreditam, que sentem coisas. O querer ser feliz, querer ter sonhos não está a ser dado como um direito, mas como uma extravagância impossível de concretizar. Isso dá-me muito medo. E porque este tempo é global, estas questões passam-se em quase todo o mundo. Quero ir onde as coisas se passam às avessas há muito tempo. A minha pesquisa deslocou-se para o Médio Oriente, porque acredito que de lá sairei uma pessoa diferente, melhor, espero. Quero saber onde é que um artista que vive, desde que nasceu, num mundo em conflito (Palestina) vai buscar a sua força e o que é que o move. As preocupações são as



mesmas? Quase de certeza que não. E, como sempre, em todo o meu trabalho tentei ir a um gomo, um único ponto, para que possa traduzir as minhas preocupações na tela, no papel, na madeira, no que for, ainda não sei.

#### **COMO FOI VIVER EM NOVA IORQUE?**

Os primeiros dois meses em Nova Iorque são de deslumbramento, de febre, correr a cidade inteira a pé, conhecer cada canto, cada avenida, cada género, Uptown, Downtown, East e West Side. As diferenças de gente, de classes sociais e interesses de baixo para cima, do East River ao Hudson. Querer ir a todo o lado, estar presente em todas as ofertas da cidade. Depois de dois meses, acho que se cai na realidade e pensa-se: não consigo estar em todo o lado, é obrigatório fazer uma lista de prioridades. Apesar do tamanho das enormes avenidas, da quantidade de gente em todo o lado, dentro dos museus, das galerias, das salas de espetáculos, uma pessoa sente-se rapidamente parte da cidade. ■

*\* Bolseira das Fundações Gulbenkian e Luso-Americana para o Desenvolvimento na residência Location One, Nova Iorque*





# Orquestra Todos Um sonho lisboeta

Por Giacomo Scalisi | Orquestra Todos

**S**empre pensei que a realidade de uma grande cidade é feita de complexas relações que quotidianamente se tecem entre as pessoas e os lugares. Assim, as cidades transformam-se em laboratórios de experimentação da vida quotidiana: ser, pensar, estar, viver.

Os encontros de culturas diferentes são, a meu ver, uma mais-valia que pertence à história de cada cidade. Estes encontros transformam e remodelam as relações entre as pessoas e os próprios espaços de encontro. Como costuma dizer o maestro Mario Tronco nos concertos da Orchestra di Piazza Vittorio (OPV) e da Orquestra Todos: “Misturar culturas produz beleza. As misturas e as contaminações são uma das bases das culturas contemporâneas. Nápoles é única e fascinante porque é árabe, francesa, espanhola... Como a sua própria língua, o Napolitano, que contém todas estas sonoridades; até o alemão.”

O projeto da orquestra lisboeta surgiu a partir de diversos encontros com o maestro italiano, Mario Tronco, aquando dos vários concertos da OPV no Festival Todos, em Lisboa. Desses encontros e da intensa troca de pensamentos sobre o papel que a cultura desempenha nas várias cidades e países do mundo, surgiram questões/reflexões em torno da arte: a sua importância e a necessidade de existir na vida individual e social; a redefinição do papel da programação artística – a partir dos próprios espaços, da relação com o público, das ligações ao território e da presença de artistas e das suas criações nesse território. A arte como necessidade da vida e como visão do mundo, a arte que faz falta, a arte atenta às transformações sociais, reflexo das mudanças, a arte como um espaço vivo, cheio de questões críticas sobre a ordem do mundo.

O Festival Todos é um lugar de práticas culturais à volta de um território geográfico multicultural em Lisboa. Aqui se iniciou a aventura da Orquestra Todos, tal como em Roma no bairro Esquilino, se iniciou há 10 anos a OPV – uma resposta a inquietações artísticas e políticas à procura de uma prática, concretizando um projeto muitas vezes pensado, mas nunca antes consumado. Depois do concerto da OPV, em 2009, no Largo do Intendente, nasceu a ideia de criar um novo projeto musical a partir de Lisboa. Mario Tronco e Pino Pecorelli, ambos da OPV, estavam prontos para começar uma nova experiência, onde fosse possível encontrar novos sons, outras culturas, novos músicos. Uma nova orquestra poderia nascer a partir dos sons que a cultura portuguesa acolhe e contém, na riqueza de relações que sempre desenvolveu tanto com territórios próximos como com os mais longínquos do mundo: o Norte, o Centro e o Sul de Portugal, Cabo Verde, Índia, Brasil, Moçambique, Angola.

O projeto Todos – Caminhada de Culturas e a Academia de Produtores Culturais foram simultaneamente motor e contexto para o aparecimento e crescimento desta orquestra. A Fundação Calouste Gulbenkian e a Câmara Municipal de Lisboa/GLEM (Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos), os nossos parceiros de referência. A criação do grupo de músicos, futuro orgânico da Orquestra, foi um processo fascinante. A procura das várias ligações musicais possíveis, a pesquisa dos músicos em todos os contextos sociais da cidade, rua incluída (sob a orientação atenta de Francesco Valente, baixista italiano, músico lisboeta de adoção), possibilitou uma relação concreta com o mundo musical multicultural da Lisboa mestiça, da Lisboa musical escondida. Os primeiros ensaios foram no coração da Mouraria, no Sport Club do Intendente. Um método de trabalho experimental que se constrói a partir de cada uma das personalidades musicais e culturais, uma ideia de coletivo; um somar e subtrair contínuo, à procura de uma linguagem comum. Ao longo dos ensaios, a generosidade, o saber aprender e dar, construíram o grupo possível. Todos os músicos vivem em Portugal e trazem consigo a sua herança cultural. A permanência neste país faz com que a primeira mistura aconteça. Já não pertencem ao seu país, mas ainda não são portugueses. Estrangeiros em todos os lados, à procura de uma nova cultura, mistura de todas.

Na Orquestra Todos acontece o encontro que gera uma linguagem comum, pertencente só a este grupo, a este coletivo. Uma música, uma cultura que fala a sua própria língua, mistura de todas. Uma música bastarda com muitos pais e muitas mães: esta é a natureza e o orgulho desta Orquestra. ■





Instalação "O Passadico",  
de Marcelo Jacome

**em julho-agosto**





Círculo de Dierick Bouts (c. 1410-1475), Anunciação (pormenor), Flandres, c. 1465  
Têmpera e óleo (?) sobre madeira transpostos para tela  
Museu Calouste Gulbenkian © Foto: Catarina Gomes Ferreira

**20 JULHO A 21 OUTUBRO DE 2012**

**Museu Calouste Gulbenkian**

Curadoria: **Paulo Pires do Vale**

Numa ala desta exposição singular que o Museu Gulbenkian vai apresentar a partir de 20 de julho, um conjunto de caixas de ferro onde Rui Chafes guarda as cinzas dos textos que escreve convive, lado a lado, com um *Apocalipse* iluminado do século XIII, que mostra numa miniatura a fogueira onde padecerão os condenados do Juízo Final. Pontes improváveis como esta surgirão várias vezes ao longo do percurso expositivo, que cruza cronologias, géneros e suportes, remetendo para o diálogo infinito que a arte e o livro travam há séculos.

Organizada pelo Museu Calouste Gulbenkian, em colaboração com a Biblioteca de Arte e com curadoria de Paulo Pires do Vale, **Tarefas Infinitas** não é apenas uma exposição de livros, mostrando também obras de arte onde o livro tem uma presença determinante: filmes, fotografias, esculturas e instalações. Colocam-se em diálogo livros

# Tarefas Infinitas

## Quando a arte e o livro se ilimitam

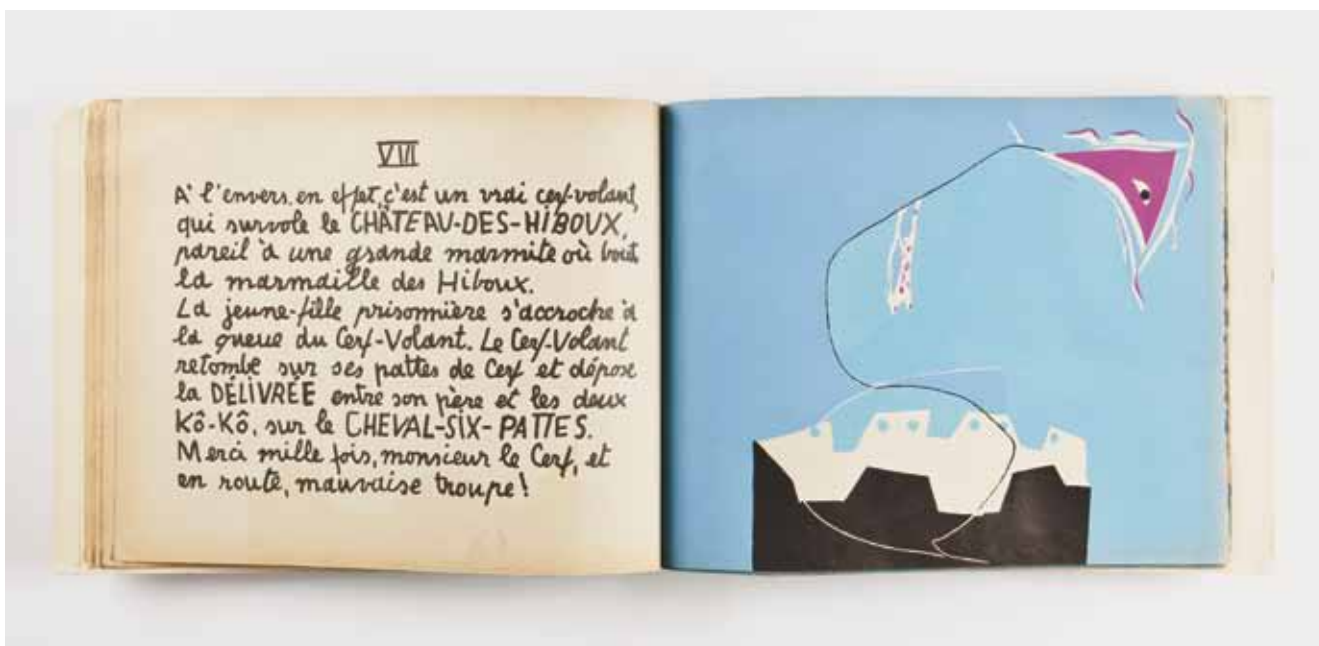
iluminados medievais e livros de artista contemporâneos; livros ilustrados do século XVII surgem ao lado de livros conceptuais do século XX; livros de horas confrontam-se com livros futuristas e livros de poesia visual.

Na origem desta mostra está a dupla questão de saber de que modo a arte põe à prova o livro e o livro põe à prova a arte. O título remete para a resposta possível: o livro e a obra de arte apresentam-se como “tarefas infinitas” – na expressão-conceito com que o filósofo Edmund Husserl definiu os trabalhos do homem –, tarefas desenvolvidas num horizonte aberto sem fim.

A exposição propõe uma reflexão sobre os limites, permanentemente provocados e reconfigurados, da arte e do livro por vir. O livro é mostrado enquanto laboratório de experiências estéticas e artísticas, interrogando e alargando também a nossa conceção “segura” e tradicional de livro: será este objeto ainda um livro? Será uma obra de arte?

O ponto de partida deste percurso é a coleção do Museu Gulbenkian e a da Biblioteca de Arte, instituições perpetuadoras da *tarefa* de colecionador do seu fundador, que





Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992); Pierre Gueguen, *Kô et Kô : les deux esquimaux*

incessantemente procurou, investigou e adquiriu obras de arte e livros excepcionais, não apenas pelo seu conteúdo informativo, mas pela sua beleza e criatividade artística.

Serão exibidas obras e livros de artistas como **Amadeo de Souza-Cardoso**, **Ana Hatherly**, **Vieira da Silva**, **Lurdes Castro**, **Alberto Carneiro**, **Fernando Calhau**, **Ed Ruscha**, **Filippo Marinetti**, **Stéphane Mallarmé**, **Jean-Luc Godard**, **William Kentridge**, **Gordon Matta-Clark**, **Lawrence Weiner**, **Bas Jan Adar**, **Diogo Pimentão**, **José Escada**, **John Latham**, **Robert Filliou**, **Christian Boltanski** e **Olafur Eliasson**, entre muitos outros.

**Fernanda Fragateiro** e **Hugo Canoilas** – com Atlas Projectos – foram convidados para fazer uma obra propositadamente para a exposição.

Um especial destaque para a participação de **Seth Siegelau**, galerista e editor ligado ao movimento da arte conceptual que marcou a cena artística norte-americana da segunda metade do século XX. Como curador independente, destacam-se os projetos de exposições coletivas que apenas tiveram existência em catálogo, isto é, a exposição era o próprio catálogo onde se reuniam obras de artistas como **Carl Andre**, **Robert Barry** e **Lawrence Weiner**, entre outros. Para além de estar representado com três obras nesta mostra, Siegelau virá à Fundação proferir uma conferência no dia 19 de setembro. No dia 17 de outubro será a vez de **Brad Freeman**, artista e cofundador do *Journal of Artists' Books*, publicação dedicada à produção contemporânea de livros de artista, fazer uma palestra sobre essa temática. Nesse dia e após a conferência, será lançado o número de outono da revista, exclusivamente dedicado ao livro de artista em Portugal. ■

#### FILMES

**Auditório 3 – 18h | Entrada livre**

**25 JULHO**

Embassy de Filipa César

**12 SETEMBRO**

Alphaville de Jean-Luc Godard

**19 SETEMBRO**

Fahrenheit 451 de François Truffaut

#### CONFERÊNCIAS

**Auditório 3 – 18h | Entrada livre**

**26 SETEMBRO**

**ARTE E LIVROS EM FINAIS DOS ANOS SESSENTA: TEORIA E PRÁTICA**

Seth Siegelau

**17 OUTUBRO**

**LIVRO DE ARTISTA: VÁRIOS MEDIA NUM PEQUENO EMBRULHO**

Brad Freeman

Seguida do lançamento do número da revista *JAB – The Journal of Artists' Books*, exclusivamente dedicado ao livro de artista em Portugal

#### VISITAS ORIENTADAS

Julho – 26\*, 15h

Agosto – 1, 8, 22, 23\*, 29, 15h

Setembro – 5, 12, 19, 20\*, 26, 15h

Outubro – 3, 10, 17, 20\*, 15h

\*com a presença do curador da exposição

Para grupos mediante marcação prévia:

de segunda a sexta-feira, das 10h às 12h e das 14h30 às 16h30

Tel.: 21 782 38 00 | descobrir@gulbenkian.pt

# Jazz em Agosto

## O Outro Lado do Jazz



Sunny Murray

A 29.<sup>a</sup> edição do **Jazz em Agosto** vai apresentar figuras históricas lado a lado com novos valores do jazz, apostando, como habitualmente, numa programação alternativa que testemunha a diversidade e a renovação de um género que não para de surpreender. Serão seis concertos únicos no Anfiteatro ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian, às 21h30, e três concertos no Teatro do Bairro, às 22h30, entre **3 e 12 de agosto**.

A abrir, estará **Sunny Murray** (dia 3), pioneiro baterista do *free jazz* e antigo companheiro de Cecil Taylor e Albert Ayler. O lendário músico americano, de 75 anos, apresenta-se agora em trio com dois consagrados músicos britânicos – John Edwards, no contrabaixo, e Tony Bevan, no saxofone tenor. A parceria, cultivada pelos músicos há dez anos, é aqui renovada numa interação criativa que explora novos territórios. Aclamado pela crítica, o jovem quinteto britânico **Led Bib** (dia 4) quebra as fronteiras musicais cruzando tons de Zappa e Ornette Coleman, com *funk*, *heavy metal* ou *rock*. Em eufóricas explosões de improvisação, o grupo combina a energia e a paixão do *rock* com a técnica do jazz.

**Misha Mengelberg** e **Evan Parker** (dia 5) retomam aqui um primeiro e único encontro realizado na famosa associação



Led Bib

de músicos de jazz e música improvisada, Bimhuis de Amsterdão, em 2006. Seis anos depois, **Mengelberg**, no piano e **Parker**, num registo menos habitual, em saxofone tenor, juntam-se no palco do Anfiteatro ao ar livre para um concerto singular.

**Matthew Shipp**, pianista americano que se afirmou na cena vanguardista do jazz, apresenta-se agora como líder do **Matthew Shipp Trio** (dia 10). O novo grupo apresenta uma performance que amplia a convencional ordem do trio piano-contrabaixo-bateria.

Individualmente, a pianista **Marilyn Crispell** e o percussionista **Gerry Hemingway** (dia 11) são improvisadores natos que se tornaram pilares do quarteto de Anthony Braxton (com Mark Dresser) nos anos 1980-90.

O **Ingebrigt Håker Flaten Chicago Sextet** (dia 12), liderado pelo contrabaixista e compositor norueguês residente nos EUA, assume uma ponte norte-atlântica com um grupo de músicos de Chicago, num projeto estreado há menos de um ano. O sexteto reflete uma visão global, onde cabem músicos com qualidades individuais reconhecidas e troca de saberes surpreendente, numa verdadeira revelação musical.

## OS CONCERTOS NO TEATRO DO BAIRRO

Revivendo o espírito dos clubes de jazz, o palco do **Teatro do Bairro** apresenta, pelo segundo ano consecutivo, três concertos experimentais de pequenas formações, seguidos de atuações de DJ com prática de *turntablism*, a arte de criar e manipular sons que importou do jazz a improvisação e o experimentalismo.



Matthew Shipp Trio

**Carlos Zíngaro**, violinista português internacionalmente reconhecido no campo da improvisação, e **Pedro Carneiro**, vencedor do Prémio Gulbenkian Arte 2011 e um dos grandes percussionistas mundiais, destacam-se no novo grupo português **Nuova Camerata**. O quinteto apresenta-se no Teatro do Bairro como um grupo recente de música de câmara improvisada (dia 7), seguindo-se a atuação de **Marcos Farrajota**, autor de BD alternativa num estilo arte bruta e que adota no gira-discos o nome **unDJ MMMNNRRRG** revelando um humor menos convencional e uma estética “primitiva”.

Oriundo de Leeds, o **trioVD**, ou “Valentine’s Day” (dia 8), apresenta uma filiação entre o *avant-funk*, o jazz e o *rock*. Explorando sonoridades explosivas de grande intensidade, o grupo constitui uma referência do atual jazz desviante do Reino Unido.

Na mesma noite, o *turntablist* francês **eRikm** mostra o seu lado de compositor eletroacústico. Adepto de música concreta, a performance de **eRikm** liga-se à dança, às artes visuais e à improvisação.

“O Mundo É Melhor sem Capitalismo” é o título de uma das músicas de Hanns Eisler (1892-1962), discípulo de Schönberg

e perseguido pela ideologia marxista. Inspirado pelo compositor, o trio **Das Kapital** (dia 9) apresenta uma música de teor político. Sem barreiras e numa multiplicidade de estilos, os idiomas do jazz modulam e transfiguram-se em canções populares e hinos revolucionários, numa performance com um toque de humor. A fechar a última noite do Jazz em Agosto no Teatro do Bairro, estará **DJ Sniff** do Japão, figura de destaque na música experimental, que usa a tecnologia de hoje e do passado. Catapultado para a ribalta por Evan Parker, **DJ Sniff** é hoje diretor artístico no prestigiado STEIM Institute, onde estudou fonografia, história do DJ e performance.

## OS FILMES

A programação do Jazz em Agosto inclui ainda a exibição inédita de **filmes documentais** que aprofundam a programação da 29.ª edição num horário que antecede os concertos no Anfiteatro ao ar livre. As sessões terão lugar no Auditório 3 da Fundação, sempre às 18h30.

– **Sunny’s Time Now**, de Antoine Prum (dia 4), fixa fases da carreira do baterista seminal do free jazz, Sunny Murray, com registos de concertos e testemunhos de Cecil Taylor, Val Wilmer, Robert Wyatt, William Parker. Um foco oportuno sobre o movimento libertário do jazz nos anos 1960, numa época de particular clima político, do qual o baterista foi parte ativa antes de se radicar em Paris;

– **Soldier of the Road – Peter Brötzmann**, de Bernard Josse e Gérard Rouy (dia 5), apresenta um retrato do saxofonista veterano da *free music* europeia como músico e artista plástico, com testemunhos de Evan Parker, Han Bennink, Ken Vandermark, Mats Gustafsson, Joe McPhee, Paal Nilssen-Love, entre outros;

– **Inside out in the Open**, de Alan Roth (dia 10), é uma viagem expressionista ao mundo revolucionário do *free jazz* com o depoimento de onze músicos catalisadores do movimento: Marion Brown, Baikida Carroll, Daniel Carter, Burton Greene, Susie Ibarra, Joseph Jarman, William Parker, Roswell Rudd, Matthew Shipp, Alan Silva e John Tchicai;

– **City of the Winds**, de Gilles Corre (dia 11), faz um retrato completo da atual cena de jazz de Chicago guiado pela cantora Ellen Christi, ativista local, numa sequência de depoimentos e concertos com a participação de Fred Anderson, Von Freeman, LeRoy Jenkins, Ed Wilkerson, Douglas Ewart, Bob Koester, John Litweiler, entre outros.

O Jazz em Agosto encerra a programação paralela com uma conferência proferida pelo crítico de jazz **Brian Morton** sob o mote *Jazz Criticism: An Open Verdict* (dia 12). Coautor do prestigiado *Penguin Guide of Jazz*, Morton falará sobre crítica de jazz na atualidade, que entende como uma forma de improvisação e de intervenção, mais do que um veredito. Alguns dos concertos do Jazz em Agosto 2012 serão abordados nesta perspetiva. ■





# Próximo المستقبل Futuro القريب últimos espetáculos

A programação do Próximo Futuro para este verão, de cinema e de espetáculos ao vivo, termina já no início de julho. Até dia 6, realizam-se as últimas sessões de ciclo cinema árabe no Anfiteatro ao ar livre da Fundação. Os temas são: Noite Egípcia (2.ª parte), Noite Tunisina, Noite Argelina e Crescer – Uma Infância Dolorosa. Este programa foi concebido por Mohamed Siam, realizador egípcio, que esteve na Fundação em junho, para participar na mesa-redonda “O Estado das Artes”, inserida na Festa da Literatura e do Pensamento do Norte de África. Mohamed Siam é também o cofundador e diretor artístico do Artkhana, um centro dedicado ao cinema e à animação em Alexandria.

A encerrar o ciclo de filmes que constitui a Cinemateca Próximo Futuro 2012, realiza-se ainda uma sessão especial em que será exibida *Nostalgia de la Luz*, uma obra do chileno Patricio Guzmán, o realizador que toda a vida tem vindo a documentar a história do seu país. Em 2010, ano em que o Chile celebrava o bicentenário da independência, o filme que Guzmán fez no deserto do Atacama, a três mil metros de altitude, passou pelo Festival de Cannes, onde também teve honras de projeção numa sessão especial.

No Teatro do Bairro, que em 2012 é parceiro nesta programação Próximo Futuro, destaca-se a apresentação de *Bait Man*. Nos dias 4, 5 e 6 de julho a sala de espetáculos do Bairro Alto, em Lisboa, recebe a brasileira Cia. dos Atores,

que vai pôr em cena um texto de Gerald Thomas, encenador e dramaturgo conhecido pelos seus trabalhos estéticos arrojados e pelas suas colaborações com Samuel Beckett ou Heiner Müller.

No Jardim Gulbenkian, a animação na Tenda continua com *Contos de Reis*, um conjunto de textos encenados pelos portugueses Teatro Praga, mas também com música: a 7 de julho, os Med Fusion Orchester, da Tunísia, estarão no Anfiteatro ao ar livre, que no dia seguinte recebe o concerto de Kimi Djabaté (na foto), da Guiné-Bissau, a encerrar a programação de música.

No Grande Auditório, a 7 e 8 de julho, apresenta-se a peça *El año en que nací*, da encenadora argentina Lola Arias. Foi um dos espetáculos mais aclamados na última edição do Festival Internacional de Teatro Santiago a Mil, no Chile. Nesta peça um grupo de jovens chilenos nascidos durante a ditadura tenta reconstituir a vida dos seus pais, a partir de cartas, fotografias e peças de roupa antigas.

Ainda no âmbito do Próximo Futuro, as instalações de arte pública no Jardim Gulbenkian mantêm-se até dia 30 de setembro. Durante todo o verão, surpreenda-se com as fotografias dos artistas moçambicanos Camila de Sousa e Filipe Branquinho, mas também com a proposta *O Passadiço*, do brasileiro Marcelo Jácome, que provoca o olhar e a percepção do visitante. ■



# Orquestra todos

## o concerto e o primeiro disco

*Depois do sucesso no concerto realizado na garagem da Fundação em dezembro, a Orquestra Todos apresenta-se no Anfiteatro ao ar livre, no dia 20 de julho às 22h, para o concerto de lançamento do seu primeiro disco. O espetáculo é de entrada livre.*

A completar o primeiro ano de vida, a Orquestra Todos gravou o seu primeiro disco a que deu o título de *Intendente*, como forma de lembrar onde tudo começou. A 11 de setembro do ano passado, o Largo do Intendente foi o palco de estreia da Orquestra nascida da vontade de músicos europeus, africanos e latino-americanos de mostrarem que a música é um laboratório multicultural, onde coexistem e se misturam muitas influências e nacionalidades, tal como em outras cidades europeias atuais. O Sport Clube do Intendente foi também o espaço que assistiu à constituição da Orquestra, aos ensaios e à sua continuação. Criada à semelhança da Orchestra di Piazza Vittorio, em Roma, a Todos partilha o mesmo maestro, Mario Tronco, mas tem um repertório próprio que vem da lusofonia e dos países percorridos pelos portugueses que nos ensinaram outros ritmos e expressões musicais (ver secção Um Outro Olhar). Nesta orquestra há guitarras, bateria, percussões várias, um *djembé*, um piano, uma cítara e outros instrumentos. As vozes femininas cantam em português e em hindi, mas há também outras línguas e músicos brasileiros, um moçambicano, um guineense, dois cabo-verdianos, um italiano, um romeno/turco, um português, um inglês, um alemão e um espanhol.

### O DISCO

*Intendente* tem onze temas originais, nascidos do trabalho de todos os músicos e dos arranjos de Mario Tronco e Pino Pecorelli, e que vão ser tocados no Anfiteatro ao



ar livre, no dia 20. A Orquestra promete ainda dois temas novos para o concerto e algumas surpresas. A finalizar os espetáculos, a Orquestra já habituou o público à canção “Todos”, verdadeiro lema do projeto e em que se pode escutar:

*Mesma estrada, mesma sina*

*Navegamos no mesmo barco, bairro, mar*

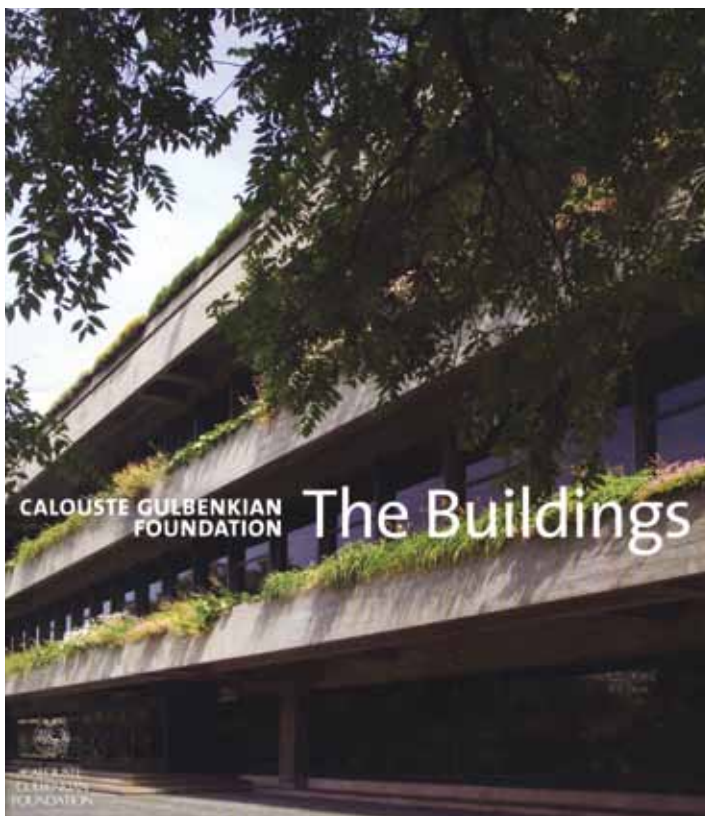
*Mesmo que sintamos diferentes*

*No fundo somos sempre muito tão iguais*

*Mesma estrada, mesma sina*

*No fundo somos sempre muito tão iguais. ■*





**A** quando das comemorações do cinquentenário da Fundação Gulbenkian, em 2006, e na sequência do catálogo referente à mostra *Sede e Museu Gulbenkian*, foi editado o livro *Fundação Calouste Gulbenkian – Os Edifícios*, da autoria de Ana Tostões, com o propósito de “mostrar ao público a obra e o processo de construção”, revelando detalhadamente o modo como foi concebida, projetada e erigida esta “obra maior da arquitetura” que, em articulação com os jardins, “construiu a imagem de prestígio e inovação da própria Fundação”.

Esta publicação, agora com uma nova edição em inglês, demonstra o quanto a história da Fundação está ligada ao espaço físico em que esta se estabeleceu, sendo indissociável do mesmo. É, aliás, referido, numa primeira secção do livro que, para efeitos de contextualização, se debruça sobre Calouste Gulbenkian, que a “sobriedade e contenção”

arquitetónica da Fundação é reflexo da postura discreta do seu fundador e terá influenciado tanto a imagem como a política desta instituição, que “se terá identificado com a sua própria obra, sentindo-a e defendendo-a”. O livro prossegue narrando todos os passos relativos à criação da Fundação e os fatores explicativos do seu estabelecimento no nosso país, referindo ainda que comparável ao amor de Calouste Gulbenkian pela arte era o seu “gosto pela natureza”, um gosto – já patente tanto no terraço-jardim da sua casa na Avenida de Iéna como no seu parque natural de Les Enclos – que explica que no espaço físico da Fundação convivam com tanta harmonia e naturalidade os edifícios e as infraestruturas e o verde dos seus emblemáticos jardins. Desde a aquisição do terreno do Parque de Santa Gertrudes até à escolha da proposta dos arquitetos Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d’Athouguia – “um todo, onde os serviços se interpenetram naturalmente e onde o público circula com fluidez” –, que colocava grande ênfase no arranjo paisagístico e para a qual foi decisiva a contribuição dos arquitetos paisagistas Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto, *Fundação Calouste Gulbenkian – Os Edifícios* desvenda todo este longo processo, fruto de uma incansável pesquisa que beneficiou de documentos que ilustram a obra e de depoimentos de muitos protagonistas. ■

## **Outras edições** **Dilemas da diversidade: interrogar a deficiência, o género e o papel das políticas públicas em Portugal**

Paula Campos Pinto

### ***Orbae Matres***

### **A dor da mãe pela perda de um filho na literatura latina**

Cristina Santos Pinheiro

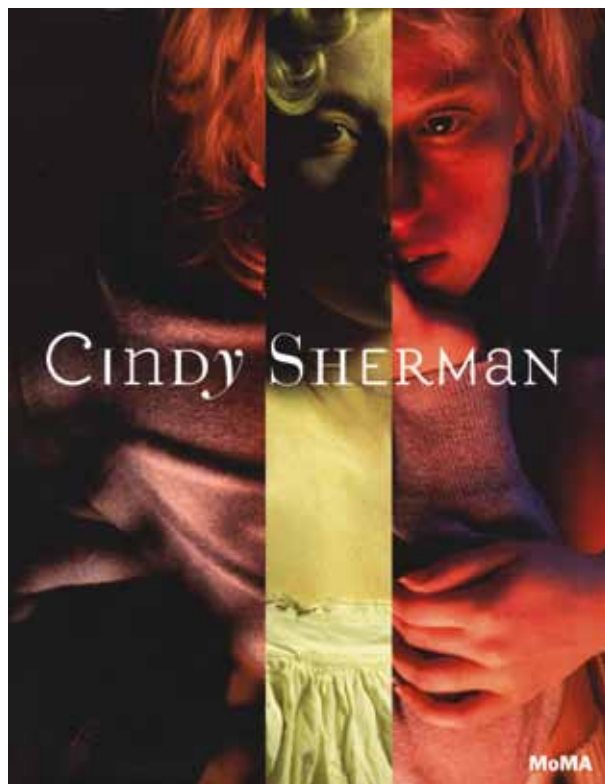
## **Reedições** **A Douta Ignorância (3ª edição revista)**

Nicolau de Cusa

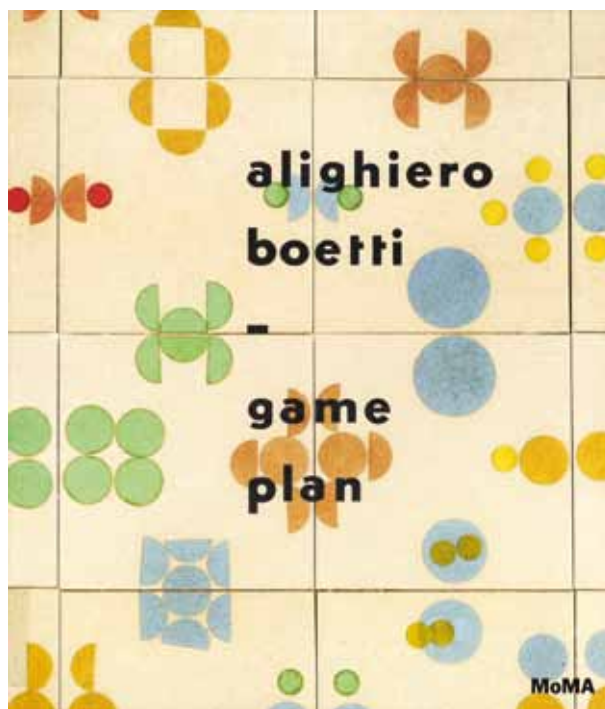


## Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

**A** exposição que a partir de 14 de julho (até 7 de outubro) pode ser visitada no San Francisco Museum of Modern Art é dedicada a Cindy Sherman (n. 1954), uma das artistas mais influentes do panorama atual da arte contemporânea. Trata-se de uma retrospectiva que apresenta cerca de 170 trabalhos – fotografia analógica e digital, colagens e filmes –, realizados desde a década de 70 até aos recentes murais fotográficos (2010), e foi organizada pelo Museum of Modern Art (MoMa), de Nova Iorque, onde se inaugurou. O MoMa foi um dos primeiros museus a adquirir fotografias de Cindy Sherman para a sua coleção, em 1982. Sherman foi uma das primeiras artistas da sua geração a questionar a fotografia como meio de expressão artística e a utilizá-la de uma forma definitivamente diferente no seu trabalho: colocando-se como a figura principal dos seus retratos, eles não são, contudo, autorretratos, mas sim projeções de personagens e estereótipos presentes na paisagem cultural e no imaginário visual da sociedade contemporânea ocidental. Tanto esta exposição como o livro que a acompanha são da responsabilidade de Eva Respini, curadora associada do departamento de fotografia do MoMa. O livro tem ainda a colaboração de John Waters – que entrevista Cindy Sherman –, Johanna Burton e Lucy Gallun e, para além da reprodução das obras expostas, contém ainda uma resenha das exposições da artista e uma bibliografia selecionada. ■



**O** Museum of Modern Art (MoMa) de Nova Iorque é o último museu onde a retrospectiva dedicada ao artista italiano Alighiero Boetti (1940-1994) poderá ser visitada (de 1 de julho a 1 de outubro), depois de já ter passado, respetivamente, pelo Museu Nacional Reina Sofia (Madrid) e pela Tate Modern (Londres), que a coorganizaram. Alighiero Boetti foi um dos artistas que fizeram parte do movimento Arte Povera, surgido em Itália, no final da década de 1960 e que integrou, entre outros, Michelangelo Pistoletto, Giovanni Anselmo e Jannis Kounellis. A exposição está cronologicamente organizada, iniciando-se pelos primeiros trabalhos de Boetti, os “objetos”, como lhes chamava, realizados com materiais do quotidiano – madeira, alumínio, cartão –, apresentados numa galeria de Turim em 1967, e mostrando um conjunto de cerca de 100 obras, que testemunham a diversidade criativa do artista e as suas experiências estéticas. Intitulado – tal como a exposição – *Alighiero Boetti: Game Plan*, o catálogo editado pelo MoMa reúne um conjunto de ensaios da autoria dos curadores dos museus organizadores – Lynne Cooke (Reina Sofia), Mark Godfrey (Tate Modern) e Christian Rattemeyer (MoMa) – e ainda de alguns historiadores de arte, que abordam e analisam as diversas fases e temas do trabalho de Boetti, como o tempo, as viagens – um dos capítulos é dedicado à relação de Boetti com o Afeganistão, país onde viveu –, a ordem e a desordem. Completam-no as ilustrações das obras, uma biografia do artista e uma bibliografia. ■



# Biblioteca de Arte

# The Works of Geoffrey Chaucer

**E**m junho de 1893, o boletim da Bibliographic Society, de Londres, publicou um texto onde William Morris (1834-1896) explicava, logo no início, o que considerava ser o “livro ideal”: aquele que não era constrangido por exigências comerciais, mas “com o qual podemos fazer o que quisermos, adequando a sua natureza, como livro, às exigências da Arte”. E continuava, mencionando os três aspectos essenciais no que designava como “arranjos arquitetônicos” do livro, a saber: as páginas deviam ser claras e fáceis de ler; as letras deviam ser bem desenhadas e com o espaçamento certo entre cada uma e as margens – mais ou menos generosas –, deviam ser proporcionais à mancha do texto; referia ainda o tipo de papel, defendendo o papel fabricado manualmente; protestava contra a ideia assente de que apenas os livros de pequenas dimensões permitiam uma leitura confortável e terminava com a ornamentação – entendida como ilustração da página –, afirmando que o livro ornamentado não era, “talvez, absolutamente necessário à vida do homem, mas proporcionava-lhe um tal prazer interminável”, que devia permanecer como um dos trabalhos mais dignos com que “homens sensatos” se deviam ocupar. Este texto constitui-se como uma espécie de manifesto de intenções de Morris, não só sobre o livro como artefacto, mas igualmente da sua demanda da criação do “livro ideal”, iniciada na década de 1860 sob a inspiração dos manuscritos iluminados do final da Idade Média e que o levou a fundar, em 1891, a Kelmscott Press, a mais famosa das editoras privadas do século XIX, que produziu 53 livros até 1898 (dois anos após a morte do seu fundador).

William Morris foi um dos protagonistas dos dois movimentos artísticos – o Arts & Crafts e o Aesthetic Movement –, que marcaram a segunda metade de Oitocentos na Inglaterra vitoriana. Se o primeiro surgiu como reação à industrialização crescente e aos aspetos nocivos que a mecanização acelerada e o capitalismo estavam a provocar na sociedade da época, o Aesthetic Movement surgiu da

vontade de um grupo de artistas, que reunia personalidades tão singulares como os pintores Dante Gabriel Rossetti (1828-1882), Edward Burne-Jones (1833-1898) e James Whistler (1834-1903) e o escritor Oscar Wilde (1854-1900), de reagir contra os constrangimentos impostos pelos padrões sociais e a moral vigentes, criando um novo ideal de Beleza. A Kelmscott Press permitiu a Morris e aos amigos que com ele colaboravam na materialização de alguns dos conceitos estéticos caros aos dois movimentos. Cada livro criado pela Kelmscott Press era pensado como uma obra de arte, implicando o controlo de cada fase do seu processo de criação: escolha do papel, da tinta, do tipo, do espaçamento entre cada letra, do tamanho das margens...

*The Works of Geoffrey Chaucer*, publicado em 1896, é considerado o mais belo dos 53 livros da Kelmscott Press e representa a junção perfeita dos ancestrais saberes da arte do livro com técnicas modernas de impressão. Conhecido como o “Kelmscott Chaucer”, foi concebido inteiramente por William Morris, que nele trabalhou durante quatro anos, desenhando as letras capitais, os títulos, a decoração das margens, e escolheu as tintas (foi todo impresso a preto e vermelho) e o papel, falecendo pouco depois de o ter terminado; as 87 gravuras em madeira que ilustram os textos poéticos – *The Canterbury Tales*, *The House of Fame*, *The Romaunt of the Rose*, *Troilus and Criseyde*, *The Parliament of Fowls* e *The Book of the Duchess* – de Geoffrey Chaucer (c. 1343-1400), o primeiro poeta da língua inglesa, foram realizadas a partir dos desenhos de Edward Burne-Jones. Não admira, portanto, que Calouste Gulbenkian, que já possuía na sua coleção de Arte uma pintura de Burne-Jones, desejasse ter na sua biblioteca um dos 425 exemplares de *The Works of Geoffrey Chaucer*. Este exemplar – **que pode ser apreciado, até 20 de outubro, na exposição Tarefas Infinitas (Museu Gulbenkian)** – apresenta, além do mais, um pormenor que o torna ainda mais especial, pois trata-se daquele que o coeditor de Morris, F.S. Ellis, ofereceu e dedicou ao seu filho pelo aniversário. ■ Ana Barata



TÍTULO/ RESP **The works of Geoffrey Chaucer** / edited by F. S. Ellis;  
 ornamented with pictures designed by Sir Edward Burne Jones;  
 and engraved on wood by W. H. Hooper  
 EDIÇÃO Now newly imprinted  
 PUBLICAÇÃO [s.l.: William Morris, s.d.] (Middlesex : Kelmscott Press, 1896)  
 DESCR. FÍSIC [6], 554, [2] p. : il.; 44 cm  
 NOTAS Ex. autografado com dedicatória de F. S. Ellis como prenda  
 de aniversário ao seu filho Phillis Marion Paine; edição de 425  
 exemplares em papel  
 PROVENIÊNCIA Coleção Calouste Gulbenkian – Documentação  
 COTA(S) E-LT 2 res



---

3 – 12 / JAZZ EM AGOSTO 2012 / LISBOA

---

Sunny Murray Trio / Led Bib /  
Misha Mengelberg & Evan Parker /  
Marilyn Crispell & Gerry Hemingway /  
Ingebrigt Håker Flaten Chicago Sextet /  
Matthew Shipp Trio / e mais

---

# Jazz em agosto



---

GULBENKIAN  
MÚSICA

[musica.gulbenkian.pt/jazz](http://musica.gulbenkian.pt/jazz)



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

---